

Sair de casa, sair do armário e a vivência de territorialidades múltiplas nos processos de subjetivação bicha¹

Pedro Augusto PEREIRA²
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este trabalho, parte de dissertação de mestrado em finalização, analisa dois vídeos publicados no canal Guardei no Armário no YouTube que trazem relatos/testemunhos sobre os processos de aceitação e saída do armário dos youtubers Murilo Araújo e Spartakus Santiago. A partir de um olhar teórico-metodológico com base numa práxis interseccional, os testemunhos demonstram a saída do armário como um processo atravessado por territorialidades múltiplas que se atravessam. Para Murilo e Spartakus, a saída do armário enquanto descolonização do eu foi um processo marcado pela saída de suas cidades natais e das casas onde cresceram, de uma mudança em relação às territorialidades familiares. As multiterritorialidades aparecem tanto na mudança física em relação ao lar onde cresceram quanto na própria saída do armário.

PALAVRAS-CHAVE: saída do armário; territorialidades; bichas pretas; interseccionalidade.

Introdução

O projeto Guardei no Armário – termo usado pelo autor – se inicia com o livro autobiográfico escrito por Samuel no qual narra seu próprio processo de aceitação e saída do armário como homem gay, a partir do qual o autor decide criar um canal no YouTube com o objetivo de entrevistar outras pessoas sobre o tema, além de divulgar o lançamento do livro, até então de forma independente. Em 2020, o livro Guardei no Armário (GOMES, 2020) ganhou uma nova edição – desta vez pelo selo Paralela – expandida, atualizada e que dialoga com o canal no YouTube de forma mais profunda, trazendo alguns relatos publicados anteriormente publicados em vídeo transcritos ao final do livro, após os capítulos autobiográficos escritos por Samuel, além de entrevistas inéditas.

Os vídeos analisados aqui são duas entrevistas realizadas por Samuel com outros dois youtubers, Murilo Araújo e Spartakus Santiago, a respeito do processo de aceitação e saída do armário de ambos. Observo essas narrativas em vídeo como uma forma de

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no PPG em Comunicação e Poder da UFMT, membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Cidadania (CICLO), do Observatório de Comunicação e Desigualdades de Gênero (Pauta Gênero) e bolsista de demanda social da Capes, e-mail: pedroaecp@gmail.com.

escrita coletiva, nascida do encontro em processos de entrevista registrados em vídeo que dão origem aos testemunhos publicados no canal. A partir dessa observação identifico nas narrativas de Murilo e Spartakus marcas de territorialidades que as atravessam de forma semelhante, observando a multiterritorialidade no processo de saída do armário.

Os vídeos-entrevista têm foco na fala dos entrevistados, ficando de fora da edição final as perguntas feitas por Samuel a Murilo e Spartakus. No caso do depoimento de Murilo (ARAÚJO; GOMES, 2017)³, alguns momentos de sua fala estão em *off*, apenas com o áudio da entrevista, enquanto são exibidas imagens de outros momentos com Murilo, durante a Parada do Orgulho LGBT de 2017 em São Paulo (SP), que aparentemente ocorreu no mesmo dia da entrevista, feita, aparentemente, em um parque da capital paulista, com mais pessoas presentes além de Murilo e Samuel, sentados no chão, aparecendo em alguns momentos, mas sem intervenções visíveis.

Já o depoimento de Spartakus (SANTIAGO; GOMES, 2018)⁴ parece ter sido gravado em um corredor ou ambiente semelhante, com uma porta ao fundo pela qual em certos momentos passam outras pessoas e, talvez para minimizar interferências ao fundo, um enquadramento mais fechado no rosto de Spartakus no que no de Murilo; neste vídeo apenas se nota a presença de Samuel e de Spartakus, tampouco havendo qualquer mudança de enquadramento ou apresentação de imagens externas à entrevista, ainda que o recurso do *off* seja utilizado, mas mesmo as imagens que cobrem esses momentos mantêm o mesmo enquadramento fixo, apenas mostrando Spartakus em um momento diferente daquele no qual falou o que ouvimos.

Ainda que, durante as análises, não pretenda me aprofundar sobre questões referentes à construção visual dos vídeos, considere importante esse movimento de descrição preliminar de alguns aspectos visuais deles, buscando também fazer eco a uma preocupação mais recente de Samuel na produção do *Guardei no Armário* em trazer audiodescrições – das vinhetas, dos cenários, de si mesmo e de outras pessoas – bem como a tradução para LIBRAS. Considero, ainda, que a compreensão das condições nas quais ocorrem as entrevistas e como são compartilhadas no YouTube se articulam aos pressupostos metodológicos adotados para as análises, sobre os quais trato a seguir.

³ Considerando que os vídeos, embora registrem trechos de entrevistas, não são publicados em formato de entrevista (pergunta/resposta), opto por referenciá-los utilizando o sistema autor/data aplicado ao YouTube. Opto ainda por considerar os vídeos como trabalhos de coautoria de entrevistado e entrevistador/dono do canal, listando primeiro o nome do entrevistado.

⁴ Ver nota 3

Assistir aos vídeos marca de maneira mais direta os lugares de fala (RIBEIRO, 2019) daqueles que neles aparecem. Elementos como a cor da pele, o sotaque e as gestualidades compõem a abordagem interseccional proposta.

Opto por observar especificamente esses dois relatos por serem os únicos concedidos ao Guardai no Armário que integram tanto o canal no YouTube quanto a nova edição do livro de mesmo nome (GOMES, 2020), no qual foram transcritos, em forma de texto corrido, por Samuel. Respeitando a essa transcrição feita pelo autor, opto por citar os trechos dos relatos de acordo com o texto do livro, em lugar de transcrever os trechos diretamente dos vídeos, entendendo que seja uma estratégia mais adequada à proposta teórico-metodológica estabelecida para este trabalho, que apresento a seguir.

Orientando o olhar sobre as narrativas

Partindo da compreensão da prática no YouTube como um processo de escrita audiovisual, frequentemente permeada de elementos autobiográficos, proponho um olhar para os vídeos referenciados aqui – e para o Guardai no Armário como um todo – como uma forma de escrita traz elementos das práticas de cuidado de si descritas por Foucault, marcadamente da escrita de si (RAGO, 2013). A escrita de si é estabelecida pela autora Margareth Rago (2013) como uma prática de subjetivação através da qual um indivíduo elabora sobre si, abrindo-se ao devir e reelaborando verdades éticas próprias. É importante compreender, a partir da autora, que a escrita de si se configura como uma prática de subjetivação, de liberdade, diferenciando-se de práticas de sujeição, como a confissão⁵ (RAGO, 2013).

Essa oposição em relação às narrativas confessionais é especialmente importante enquanto orientador do olhar sobre esses vídeos que é proposto neste trabalho. Ser gay, bicha – e, claro, bi, lésbica, trans, travesti ou qualquer identidade dissidente da norma cis-heterossexual – é, ainda, frequentemente compreendido como uma falha, ou falta, a ser confessada, seja com objetivo de “cura” ou não, que não se limita à compreensão religiosa, mas também permeou o pensamento científico desde o século XVIII (TREVISAN, 2018). Os testemunhos analisados apontam o próprio processo de “saída do armário” como processo de subjetivação, de elaboração de uma verdade ética própria, e não de um processo de sujeição confessional.

⁵ Segundo Margareth Rago, a escrita autobiográfica é frequentemente imbuída desse caráter confessional, implicando uma hierarquia entre quem enuncia e um outro que escuta e estabelece julgamento morais. A escrita de si, ainda que autobiográfica – mas não somente – se estabelece como oposição a essas narrativas confessionais mais tradicionais (RAGO, 2013).

Assumir-se é um ato de fala, uma enunciação que rompe com fluxos de silenciamento que historicamente impõem aos corpos ditos “desviantes”, nesse caso as LGBT, um lugar de marginalidade. Grada Kilomba (2019) estabelece a escrita como uma necessidade de enfrentamento desse silenciamento colonial, como ato potencial de descolonização, de tornar-se sujeito. A partir de Kilomba (2019), esse processo de saída do armário, que organiza a narrativa dos vídeos, passar a ser visto como próximo ao processo de “descolonização do eu” descrito na parte final do livro *Memórias da Plantação*.

Murilo, Spartakus e Samuel têm lugares de fala (RIBEIRO, 2019) semelhantes, sendo gays negros, bichas pretas, um lugar marcado por múltiplas opressões. Busco inspiração em perspectivas interseccionais para melhor orientar meu olhar para as narrativas expostas no *Guardei no Armário*, especialmente nos escritos de bell hooks (2019) e Lélia Gonzalez (1984). É a partir desse pensamento interseccional que começo a compreender a escrita audiovisual desses sujeitos como uma escrita coletiva, compartilhada, em maior ou menor grau, em certos elementos por sujeitos que estejam em lugares sociais semelhantes – de raça, classe, gênero, sexualidade, localização geográfica⁶. Em trabalhos anteriores, foi feita a delimitação dessa escrita de si que é também coletiva como uma “escrita da gente” (PEREIRA; COELHO, 2020).

Aqui, proponho um aprofundamento dessa escrita da gente para compreender o *Guardei no Armário*. Desde o início, boa parte do conteúdo do canal é composto por entrevistas – como os dois vídeos em evidência neste trabalho – que constroem um diálogo com o livro autobiográfico escrito por Samuel Gomes (2020). Esse entrecruzamento da narrativa de Samuel com aquelas dos sujeitos a quem ele entrevista, inevitavelmente afeta o “produto” desde a elaboração e condução da entrevista, passando pela captação e seguindo até a pós-produção. Samuel pode ser considerado o autor dos vídeos, no entanto, sendo vídeos fruto de entrevistas, não haveria narrativa sem o encontro, a conversa e o processo comunicativo.

Proponho, então, que essa escrita “da gente” (em formato audiovisual) que utilizo como princípio orientador nasce no encontro e ecoa esse encontro a todo momento. Se

⁶ Aqui fazendo referência à vivência de ambos como “nordestinos no Sudeste”. Embora Murilo e Spartakus venham de cidades e regiões diferentes do estado da Bahia, suas vivências no contexto sudestino do eixo Rio/São Paulo se aproximam enquanto “nordestinos”. A própria tendência de homogeneização de uma identidade nordestina que ocorre nos estados fora do Nordeste – em especial no Sul e no Sudeste – demonstra preconceitos e violências que marcam esse lugar social.

Murilo ou Spartakus estivessem diante de outro entrevistador, ainda que o tema fosse o mesmo, sua fala, a construção de sua narrativa, se daria de outra forma. O vínculo que origina a comunicação (BORGES, 2020) entre Samuel e Murilo e Samuel e Spartakus começa nos seus lugares de fala (RIBEIRO, 2019) semelhantes, de bicha para bicha.

Territorialidade e as bichas

Territorialidade, como definida por Robert David Sack (2013), é a tentativa de influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações ao delimitar e assegurar controle sobre uma certa área geográfica, chamada de território. A noção de território será, aqui, compreendida em uma perspectiva mais ampla, como proposto por Felix Guattari e Suely Rolnik (1996), de modo a abarcar tanto territórios físicos quanto simbólicos e seus atravessamentos.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

A partir disso, compreendo os fluxos interseccionais de opressão dos quais tratei na sessão anterior como claras marcas de territorialidade que estabelecem quem tem acesso ao direito à existência plena, ao lugar de sujeito, e quem não tem, pessoas subalternas (SPIVAK, 2014). Aqui falo especificamente de sujeitos bichas, homens gays. A negação do direito à voz (KILOMBA, 2019; RIBEIRO, 2019; SPIVAK, 2014) a pessoas subalternizadas demonstra a tentativa de controle e influência sobre as ações dessas pessoas, segundo uma lógica colonizadora que favorece determinados corpos (masculinos, brancos, cisgêneros, heterossexuais e com privilégio de classe).

O padrão de corpo-subjetividade desejado para a “nação brasileira” foi, desde a colonização, fundado em um ideal de branquitude euro-americana e de heterossexualidade viril (LUCAS LIMA, 2017, p. 170), desse modo, a lógica das territorialidades atuando sobre os corpos não apenas favorece os corpos que se aproximem deste ideal e exclui – ou busca destruir – aqueles que se distanciem dele, como é o caso de Murilo, Spartakus e Samuel. Seus testemunhos se aproximam ao relatar essa atuação da territorialidade, das tentativas de controle sobre seus corpos e subjetividades, e de seu processo de ruptura com essas lógicas durante a saída do armário.

O próprio armário pode ser entendido como uma espécie de território simbólico de exclusão e silenciamento ao qual os corpos LGBT são relegados pela organização colonial dos territórios simbólicos que estabelece a heterossexualidade e a cisgeneridade como “natural” e qualquer rompimento com essa norma como errado, não desejável, que deve ser controlado, seja pelo discurso religioso, médico, “científico” ou legal (TREVISAN, 2018). Partindo do pressuposto de que “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” e que envolve relações de poder, admite-se a existência de *masculinidades* – com ênfase no plural – conforme Connell (1995, p. 188), mas o armário é, além do que já foi apontado, uma tentativa de controle de uma concepção plural e multifacetada dessas possibilidades de ser masculino.

Para melhor compreender essa relação entre normatização da sexualidade e territorialidade, recorro novamente a Sack (2013, p. 60-61) que enumera três efeitos lógicos da territorialidade: (a) definição ou classificação por área; (b) comunicação pelo uso de um limite; (c) imposição de controle sobre o acesso à área. A classificação por área se apresenta ao se definir a heterossexualidade como norma, padrão, natural, que automaticamente define como anormal e/ou errada qualquer “desvio” dessa norma sem que seja necessário citar cada uma das infinitas possibilidades das subjetividades para além deste padrão normativo. Nenhum sujeito deve ultrapassar os limites colocados desse território da cis-heteronormatividade – homem tem um pênis e se relaciona (sexualmente) apenas com mulher, que tem uma vagina – sendo qualquer transgressão passível de punição e/ou uma suposta correção/cura, por diversos meios (TREVISAN, 2018).

Retomando a citação a Guattari e Rolnik (1996) no início desta sessão, parece-me justo afirmar que o “sentir-se em casa” de que falam os autores tem mais relação com familiaridade e reconhecimento de que com uma relação de conforto ou acolhimento. É claro que mesmo os ambientes familiares mais acolhedores acabam por construir relações de territorialidade (SACK, 2013) – de pais e mães sobre filhos pequenos, por exemplo – ainda que mais ou menos harmônicas, mas, ao se tratar de vivências LGBT, é necessário estabelecer aqui esse distanciamento entre casa/família e conforto/acolhimento.

[Spartakus]: Eu sabia que minha família não ia lidar muito bem com isso, eu tinha na cabeça que “o maior medo de todo gay é ser expulso de casa”, por isso me dei conta de que só ia contar para a minha família quando eu estivesse pagando minhas contas. Eu ia esperar até ter um emprego e conseguir me bancar para sair do armário. Só quando eu tivesse segurança financeira e entendesse que eles não iam brigar

comigo e me punir por ser quem eu sou, ia dividir isso com eles. (SANTIAGO; GOMES, 2018).

O medo de ser expulso de casa e a violência sofrida dentro de casa, da casa dos pais/cuidadores, é regra entre pessoas LGBT e, ainda que haja exceções, é fundamental para a compreensão das territorialidades que envolvem a saída do armário. A casa, o “lar” da infância/adolescência em geral se torna o extremo oposto de um espaço seguro ou confortável, seja pela violência concretizada ou por sua ameaça constante.

Múltiplas territorialidades

É claro que, mesmo com as violências e a insegurança que permeiam essas relações, há um vínculo e algum pertencimento estabelecido pelos sujeitos com os territórios “de onde vieram” – a família, a cidade natal. Tanto Murilo quanto Spartakus nasceram e cresceram no interior do estado da Bahia, respectivamente em Ipiaú e Itabuna, migraram de suas cidades para o Sudeste do país para cursar a faculdade e vivem no Sudeste – Murilo no Rio de Janeiro (RJ) e Spartakus em São Paulo (SP) – atualmente. Essa desterritorialização e subsequente reterritorialização (FRAGOSO; REBS; BARTH, 2011) sobrepõe diversos territórios e territorialidades que atravessam os sujeitos, gerando uma multiterritorialidade.

A multiterritorialidade se caracteriza-se pela superconexão de territórios e pela maior fluidez dos trânsitos espaciais, facilitando o acesso (tanto virtual quanto materialmente) aos diferentes lugares em que se ancora o “espaço de fluxos” (Castells, 1999). Nesse cenário, a ideia de desterritorialização não decorre de uma efetiva extinção dos territórios, mas da dificuldade de reconhecer (ou de definir) os territórios múltiplos e descontínuos da atualidade, que impede o reconhecimento do caráter imanente da (multi)territorialização na vida dos indivíduos e dos grupos sociais. (FRAGOSO; REBS; BARTH, 2011, p. 213-214).

Compreendo aqui essa multiterritorialidade como inerente à maioria dos processos de migração. Ainda que a desterritorialização coloque os sujeitos diante de outras relações territoriais, não familiares, as relações anteriormente estabelecidas com outro território não desaparecem. A compreensão de multiterritorialidade pode ser pensada, então, também como interseccional, havendo afetações múltiplas entre diferentes relações de modo que se tornam indissociáveis para os sujeitos atravessados por elas.

Assim, “mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo” (Haesbaert, 1994: 214), em que o enfraquecimento de alguns modos de controle espacial vem

acompanhado do remodelamento, reforço ou criação de outras relações de poder que permanecem inscritas na espacialidade da vida social (FRAGOSO; REBS; BARTH, 2011, p. 214).

Esse remodelamento de relações pode, ainda, se configurar em uma oportunidade de reelaboração subjetiva de si, que dão origem a novas verdades éticas próprias dos sujeitos (RAGO, 2013) como demonstrado a seguir:

[Murilo]: Fui me descobrir no começo de 2009, logo que fiz dezoito anos, levou um tempinho. Eu tinha saído de casa havia [um] ano, e acho que isso foi um pontapé importante em relação à minha sexualidade, foi quando me vi confrontado com outras visões de mundo, só que com um pouco mais de espaço e de coragem para poder assumir essas outras perspectivas. Quando cheguei à faculdade, estava me defrontando com milhões de possibilidades de ser assim, de experimentar a vida, a sexualidade, a identidade, a militância, a política, tudo isso. Eu estava morando em outro estado, não mais perto da casa dos meus pais, e isso me dava muita liberdade para poder viver minha vida dessa maneira (ARAÚJO; GOMES, 2017).

A “territorialidade na família”, além de reguladora, limitadora da liberdade de ser, para pessoas LGBT, também é compreendida em íntima conexão com a cidade natal, em relação a um território mais amplo. Isso marca uma aproximação mais típica de cidades menores, menos populosas, nas quais a maioria dos moradores – e, por vezes, todos – se conhece e se relaciona entre si de maneira próxima, quase como uma “família expandida”. Desse modo, migrar para cidades muito maiores – Viçosa (MG) para Murilo e Rio de Janeiro (RJ) para Spartakus – tanto os distancia da relação diária, mais próxima, com o ambiente familiar, como também os reterritorializa em uma outra concepção e vivência mais ampla do espaço cidade: “Eu saí da minha cidade, vim pro Rio de Janeiro estudar publicidade. [...] No Rio de Janeiro, foi totalmente diferente, eu estava longe da minha família, a mentalidade da cidade é diferente, é um lugar mais livre.” (SANTIAGO; GOMES, 2018).

É importante pontuar que essa mudança não ocorre de uma hora para outra. Embora tanto Murilo quanto Spartakus destaquem a entrada na faculdade, a chegada à maioridade e a migração das pequenas cidades natais para centros urbanos muito maiores como uma espécie de estopim para uma maior liberdade de exploração de suas subjetividades, que os levou à aceitação de sua sexualidade e ao processo de saída do armário, isso se dá marcadamente atravessado pela multiterritorialidade – entre território do antigo lar/família e do novo lar/vida distante da cidade natal.

O relato de Murilo Araújo demonstra um processo longo de compreensão de sua sexualidade, permeado pela relação com uma tia que, “desconfiando” da

homossexualidade do sobrinho, lhe disse “eu quero que você saiba que quando todo mundo fechar a porta e virar a cara pra você, até as pessoas mais próximas, seu pai, sua mãe, as pessoas que mais dizem que te amam, quando todo mundo virar a cara pra você, eu vou estar aqui” (ARAÚJO; GOMES, 2017); por uma conversa com um padre – durante um retorno à Bahia para um curso de teologia, quando Murilo já morava em Viçosa – que lhe diz “acho que você é uma pessoa muito livre, mas tem muitos medos e acho que você devia pensar sobre isso. Não precisa conversar comigo, pode ser alguém da sua confiança, mas acho que devia pensar um pouquinho sobre isso, seus medos” (ARAÚJO; GOMES, 2017); e com a melhor amiga – em uma conversa, segundo Murilo, repleta de “indiretas”, sem jamais usar a palavra “gay”, ainda que ambos soubessem exatamente de que era disso que se tratava – apontando para essa coletividade que se apresenta integrada aos processos de subjetivação.

[Murilo]: E aí depois da conversa com esse padre, depois da conversa com essa amiga e muito marcado por essa conversa com a minha ti, comecei a lidar aos poucos com a ideia de que minha sexualidade podia ser muito mais aberta do que aquela que eu estava acostumado a experimentar. [...]

Até que veio uma bela manhã ensolarada de sábado, no fim de fevereiro de 2009. Eu tinha acabado de chegar a Viçosa de volta das férias e fui passear pelo campus da universidade, que é lindo; estava um dia muito bonito. Passou por mim um rapaz que eu achei uma gracinha; pensei: “Cara, que bom poder achar um cara uma gracinha sem sentir que é um problema”. Foi então que pensei e cheguei à conclusão: “É isso, então, eu sou gay. É esse o nome, é isso. Ai, que legal, que bacana”. (ARAÚJO; GOMES, 2017).

O processo de saída do armário está em dar nome a algo que compõe sua identidade, assumir e elaborar essa verdade (RAGO, 2013), bem como no reposicionamento (KILOMBA, 2019) diante dos estereótipos impostos aos corpos desviantes, LGBT, bichas, pela norma cis-heterossexual (LUCAS LIMA, 2017; TREVISAN, 2018), sendo esse reposicionamento diante das violências segundo Grada Kilomba (2019) um primeiro passo no processo de descolonização do eu.

[Spartakus]: No segundo ou terceiro ano [do ensino médio], eu já via pornô gay, mas, como morava em uma cidade pequena, Itabuna, era o tipo de coisa sobre a qual eu pensava: “Posso ver, posso ter vontade, mas nunca vou fazer isso na minha vida. Eu vou morrer com vontade de fazer e sem fazer”. Só que quando eu fui pra faculdade comecei a me conhecer. (SANTIAGO; GOMES, 2018).

Embora a compreensão do desejo por outros homens já viesse desde a adolescência, fica explícito o papel da territorialidade para proibir o acesso a essa área do desejo, estabelecendo sinalizações dos limites dentro dos quais se é permitido vivenciar

a sexualidade, limites estritamente heterossexuais. O território físico geográfico da cidade pequena também aparece de modo a intensificar esse controle, dadas as relações mais próximas estabelecidas entre os sujeitos, facilitando as tentativas de controle.

[Spartakus]: Quando acabou o primeiro ano da faculdade, estávamos eu e os meus amigos, e um deles lançou a pergunta: “A gente já viveu 25% da faculdade; vocês já fizeram 25% do que vocês queriam fazer?”; fiquei com aquilo na cabeça. Nesse mesmo dia, a gente foi a uma festa. Cheguei em uma garota e ela não quis ficar comigo – cansei. Eu estava meio bêbado e falei: “Não aguento mais, não tenho sucesso com as garotas, tento ficar com elas porque é a forma como eu acho que tenho que existir no mundo, mas não funciona, não dá certo, tá doendo, tá horrível”. Eu tinha um amigo gay e falei para ele: “Arranja um cara pra eu pegar hoje”. Aí ele disse: “Como assim”; e eu falei: “É, quero tentar”. Então ele falou com um cara que tinha uns quarenta anos, eu tinha dezoito – e eu peguei o cara. Eu estava desesperado, falei: “Me leva para a sua casa agora”. Enfim, fui para a casa dele, só que, quando falei que era virgem, o cara não quis fazer nada comigo, porque tirar a virgindade de alguém é sempre muito complicado. E essa foi a minha primeira experiência; depois comecei a me abrir para esse mundo. Eu me descobri, descobri que podia ser feliz. (SANTIAGO; GOMES, 2018).

O que causa o sofrimento relatado por Spartakus não é sua “falta de sucesso” com garotas, tampouco é por não conseguir esse “sucesso” que ele busca ficar com outro homem. Ao contrário, é a norma social que Spartakus vê imposta sobre si que o leva a buscar se relacionar sexualmente com garotas, como ele próprio deixa claro em sua fala – “é a forma como eu acho que tenho que existir no mundo, mas não funciona, não dá certo”. O modelo de masculinidade viril vigente em nossa sociedade é baseado em uma construção predatória do modelo de masculinidade, que claramente garante aos homens poder e privilégios no sistema sexista (hooks, 2020), no entanto se torna também um fardo, já que a virilidade deve ser defendida a todo tempo (BOURDIEU, 2012).

Essa imposição de um modelo único de masculinidade, baseado em violência, pressiona especialmente os homens negros (CUSTÓDIO, 2017; FANON, 2008) que, como Spartakus, têm impostos a si estereótipos animalizantes e infantilizantes (GONZALEZ, 1984) que buscam aprisioná-los a uma subjetividade baseada apenas em uma virilidade exacerbada limitada à (hetero)sexualidade. A busca de Spartakus pelo “sucesso com as garotas”, como demonstrado, não vem de um desejo seu, mas de uma crença imposta a ele de que essa é a única forma de existência possível, a única possibilidade de “sucesso” para ele – homem negro.

Também os relatos de Murilo e Spartakus se aproximam na compreensão mais ampla do território da universidade e das relações construídas a partir dele, e isso não se

limita ao processo de compreensão de si e de saída do armário. Murilo vai ao campus da universidade que estudou em Viçosa para passear, mesmo durante as férias, bem como destaca que foi na universidade que teve contato com outras possibilidades de vida. O relato de Spartakus associa a faculdade a uma vivência profunda, com relevância para além do curso superior em si – “A gente já viveu 25% da faculdade, vocês já fizeram 25% do que queriam fazer?”. Essas associações demonstram um território faculdade que é território vivido, não apenas físico/geográfico, que ultrapassa relações profissionais, sendo composto também de afetos e desejos.

De volta para casa

Apesar da oposição estabelecida entre o silenciamento e as violências no território do lar da infância/adolescência e as possibilidades de liberdade permitidas no território da faculdade e do novo lar pós migração, o processo de saída do armário de Murilo, Spartakus, como de muitas pessoas LGBT, passa pelo “retorno” ao lar familiar e da enunciação explícita do ser LGBT – no caso dos dois, gay.

Como dito anteriormente, esse processo passa pelo enfrentamento tanto no romper com o silêncio imposto, quanto do confronto dos medos criados por essas violências – da rejeição das pessoas amadas, por exemplo. Frequentemente, inclusive, essa saída do armário é precedida por confrontos estabelecidos na territorialidade do lar que são anteriores até mesmo à compreensão dos sujeitos LGBT de que são pessoas LGBT.

[Spartakus]: Eu sempre aprendi que viado era algo ruim. Meu pai me abordou um dia pra perguntar se o filho dele era viado. Um dia nesse ano, em que eu estava tentando ser amigo desses garotos [héteros que fazem bullying homofóbico], a gente estava no colégio e quando foi tirar uma foto, um garoto [hétero] botou a língua na minha orelha; eu postei essa foto no Orkut. Meu pai não me criou, sempre foi muito ausente. Só que ele viu a foto no meu Orkut. Ele morava a duas quadras da minha casa, então saiu da casa dele e veio até a minha, porque naquele momento ele entendeu que tinha que ser pai. Aí ele veio me criticar. Falou: “Quer dizer que você virou viado? Eu vi uma foto no Orkut, o garoto botando a língua na sua orelha”. (SANTIAGO; GOMES, 2018).

Ainda que o pai de Spartakus não tenha sido presente em sua criação, é ele que se apresenta como guardião da masculinidade (BOURDIEU, 2012), defendendo a virilidade, cobrando-a do filho. Há uma delimitação estabelecida da heterossexualidade do comportamento do macho viril que se reveste de outros elementos, além de se relacionar sexualmente exclusivamente com mulheres. O contato físico, lido como sexual, com outro garoto, ainda que heterossexual, é interpretado como “virar viado”, uma traição à virilidade masculina e o pai surge para defender as fronteiras deste território.

[Murilo]: Já com a minha mãe foi um pouco ruim no começo, porque não fui eu que contei pra ela. Eu tinha conversado com um primo, porque era uma pessoa ali da família com quem eu achava que podia compartilhar, eu confiava muito nele, porque a gente tinha crescido junto; só que ele deu uma surtada, acho, e a história da nossa amizade de infância não deu em muita coisa nessa hora [...]. Então ele falou com um tio meu sobre aquilo, e esse tio, muito preocupado com a reação que meu pai teria, foi conversar com a minha mãe em vez de vir falar comigo. Aí foi uma *bad*, porque minha mãe nunca soube por mim e ficou muito magoada (ARAÚJO; GOMES, 2017).

Novamente, vemos duas figuras masculinas que se apresentam como uma espécie de guardiões da masculinidade (BOURDIEU, 2012). O primo e o tio de Murilo agem pelas suas costas – no caso do primo, em uma quebra de confiança – por “preocupação” pelo fato de Murilo ser gay. Não uma preocupação com sua segurança devido à violência homofóbica comum no Brasil – e só recentemente criminalizada – desde a colonização (TREVISAN, 2018), mas uma preocupação com esse território da masculinidade viril heterossexual (e cisgênera) que precisa ser defendida. Essa defesa territorial da parte desses familiares homens, inclusive, é um dos elementos que dificulta, ainda mais, a receptividade da mãe de Murilo à sexualidade do filho. Além disso, a ação do primo e do tio impediu Murilo de conversar com sua mãe, romper o silêncio, falar pela primeira vez de sua sexualidade – quase recém “descoberta” – em seus próprios termos e a partir de sua iniciativa.

Spartakus, por sua vez, teve sua chance de conversar com sua referência materna:

[Spartakus]: Minha tia me criou – minha tia é como se fosse minha mãe, porque minha mãe não me criou [...] – , e minha tia sempre foi a pessoa que me deu amor no mundo, essa pessoa maravilhosa que eu amo. Era Natal, e a gente tinha preparado uma ceia. Fui levar a minha tia embora, a casa dela era perto da minha. [...] Eu senti que minha tia me amava, então quando chegamos ao portão da casa dele, eu falei: “Tia, quero te contar uma coisa, não sei como você vai lidar com isso, mas queria te falar – eu sou gay”. [...]

Ela lidou super bem com isso, pelo menos foi a impressão que me passou, e isso é o mais importante. (SANTIAGO; GOMES, 2018).

Nesse caso, a saída do armário em relação à mãe é relatada como relativamente tranquila, em uma conversa que fortaleceu um laço de amor e confiança de Spartakus com a tia/mãe, que inclusive rompe com suas expectativas sobre esse momento desde o início da vida, sobre o medo de ser rejeitado ou expulso de casa.

Ao avançar em seu relato, Murilo descreve a melhora no relacionamento com a mãe e, em seguida, conta sobre sua relação com o pai – de quem o tio dizia temer a reação:

Mas hoje a relação com ela é muito tranquila, muito gostosa [...]. Com meu pai tem sido um processo constante de crescimento, que, inclusive,

está andando muito mais rápido do que eu imaginava. Ele continua sem querer saber muito da minha vida, mas a gente vem conseguindo ter conversas cada vez mais abertas, e é um constante exercício de calma e de paciência para poder provocar uma coisa ali, falar outra aqui etc. (ARAÚJO; GOMES, 2018).

A indicação de Murilo sobre o “processo constante” com o pai, reflete algo frequentemente dito pelo movimento social LGBT em relação às famílias de que quando o filho sai do armário, a família entra. Há um esforço de Murilo e de seu pai nesse processo de saída do armário, que aqui se mostra de maneira marcadamente coletiva. Se Murilo teve seu próprio processo de “descoberta” e aceitação de sua identidade, seu pai demonstra um movimento similar, porém em terceira pessoa. Também a demonstração de surpresa de Murilo ao dizer que “está andando mais rápido do que ele imaginava”, indica que talvez ele também temesse muito a reação do pai e se surpreende positivamente com ele. A indicação de que o pai de Murilo “continua sem querer saber muito” da vida dele não demonstra um descaso ou ausência do pai – como no caso do relato de Spartakus –, representando mais uma evidência do silenciamento imposto aos corpos LGBT e suas vivências, entendidas como proibidas e motivo de segredo (TREVISAN, 2018) ficando trancadas no armário.

Considerações finais

Os depoimentos de Murilo e Spartakus ao Guardar no Armário permitem observar diferentes territorialidades que atravessam as vivências de corpos bichas (LUCAS LIMA, 2017), subalternizados, em suas vivências atravessadas e limitadas por violências – sejam diretas ou não. Sistemáticamente silenciados desde o lar da infância e adolescência, tendo seu acesso negado a essa área (SACK, 2013) da sexualidade, do afeto, para além de uma norma cis-heterossexista que não os contempla, nem a tantos outros corpos possíveis.

Para esses dois sujeitos, a multiterritorialidade tornou-se uma possibilidade de permitir-se, de se abrir ao devir (RAGO, 2013) a partir do distanciamento do território familiar da infância e da adolescência e do contato com outras existências possíveis que os afetam, nas quais se reconhecem (BORGES, 2020). Nesse encontro de múltiplas territorialidades e subjetividades, Murilo e Spartakus encontram um caminho de tornar-se sujeito, sujeito desejante, de descolonização do desejo e de si (KILOMBA, 2019).

Esse processo de subjetivação não se dá sem ser atravessado por riscos e enfrentamento a violências, potencializados ao sair do armário publicamente e expor processos tão íntimos no espaço da internet, no YouTube. No entanto, é ao serem

enunciadas publicamente que essas narrativas ganham potencial político, permitindo que outros sujeitos se identifiquem com elas, sejam afetados por elas.

Se Butler ressalta que “O chamado ‘mulher’, ‘judia’, ‘queer’, ‘preta’ ou ‘chicana’ pode ser ouvido ou interpelado como afirmação ou insulto, dependendo do contexto em que ocorre” (2017, p. 103), pode-se inferir que “bicha” – e aqui, mais marcadamente bicha preta – é um termo passível de ressignificação a partir dessas narrativas de saída do armário analisadas, deixa de ser um insulto⁷ baseado em uma concepção reducionista de masculinidade para ser motivo de orgulho, cuja interpelação pode gerar uma potencial reconfiguração pelo imaginário. A exposição do medo, da ansiedade, das inseguranças diante do processo de libertação do armário visibiliza não apenas os riscos, mas também desafia a masculinidade hegemônica, na construção coletiva de masculinidades em que também cabem vulnerabilidades, demonstrações de afeto e coragem de ir na contramão da heteronormatividade.

Sair do armário dá conta de um processo subjetivo que é coletivo, que ultrapassa a ideia de individualidade. As narrativas aqui observadas nascem no encontro intersubjetivo, bem como a subjetivação da qual falam não se dá apenas “em si”. No *Guardei no Armário*, as narrativas se apresentam multiterritoriais, interseccionais e, sobretudo, coletivas.

Referências

ARAÚJO, Murilo; GOMES, Samuel. Como saí do armário? Com Murilo Araújo | Muro Pequeno – EP02 da 2ª temporada. [S. l., s. n.], 29 jun. 2017. 1 vídeo (13min 23s). Publicado pelo canal *Guardei no Armário*. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=O5EEKa9B_p8. Acesso em: 21 jun. 2021.

BORGES, Rosane. Traduções - Ep. 9: Rosane Borges. [S. l., s. n.], 4 ago. 2020. 1 vídeo (1h 13min 55s). Publicado pelo canal *jornalismos*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=vUTsB6cVZWQ>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **A Vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

⁷ É claro que o termo ainda pode ser utilizado, como frequentemente é, com a intenção de ofender, ferir, marcar como inferior. A ressignificação está, aqui, ligada a um reposicionamento do sujeito em relação ao termo, que faz parte da “descolonização do eu” descrita por Grada Kilomba (2019).

-
- CUSTÓDIO, Tulio. Opinião: Ser homem e negro é um rascunho inconcluso e constante. In: **HuffPost Brasil**. [S. l.], 27 jan. 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/tulio-custodio/ser-homem-e-negro-e-um-rascunho-inconcluso-e-constante_b_9829946.html?guccounter=1. Acesso em: 20 jun. 2021.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: SciELO-EDUFBA, 2008.
- FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca R.; BARTH, Daiani L. Territorialidades virtuais Identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. **Revista MATRIZES**, ano 5, n. 1 jul./dez. São Paulo, 2011.
- GOMES, Samuel. **Guardei no armário: trajetórias, vivências e a luta por respeito à diversidade racial, social, sexual e de gênero**. São Paulo: Paralela, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje – Anuário de Antropologia, Política e Sociologia**. 1984.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador. Editora Devires, 2017.
- PEREIRA, Pedro Augusto; COELHO, Tamires Ferreira. Escrita coletiva, subjetivação e esperança em narrativas bichas no YouTube. **Revista Linguagem em (Re)vista**, vol. 15, n.30 ago./dez. Niterói, 2020.
- RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.
- SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Cristina; FERRARI, Maristela (org.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 63-89.
- SANTIAGO, Spartakus; GOMES, Samuel. #YoutubeNegro2018: “O que eu fiz pra parecer ‘viado’?” – Spartakus. [S. l.; s. n.], 17 nov. 2018. 1 vídeo (18min 32s). Publicado pelo canal Guardei no Armário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qGtmJJGAokk>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.